

CANDEIAS

NA ESTRADA DO CINEMA

45 ANOS. Natural de Cajobi, no interior paulista. Homem rude. A primeira vista dá a impressão de ser um homem da terra — um fazendeiro, um garimpeiro, um aventureiro. Foi de estrada. Por alguns anos devastou o Brasil, de norte a sul — e daí para o sul da América. Traços firmes, bem delineados, compõem seu rosto, sua expressão. Alto — não muito, o suficiente para impressionar. Mãos calejadas pelo trabalho. A expressividade é a marca física mais em evidência no seu todo.

Também, um homem bom. Simples. Preciso. Sem qualquer artifício. Modesto. De uma grande modestia e espontaneidade no falar e nas atitudes. Rara esta qualidade. De uma simplicidade às vezes desconcertante. Não se considera um grande artista. Alguns críticos o chamaram de "naif". Ele não diz nem que sim nem que não, quando inquirido a respeito. Deixa a decisão por conta do interlocutor.

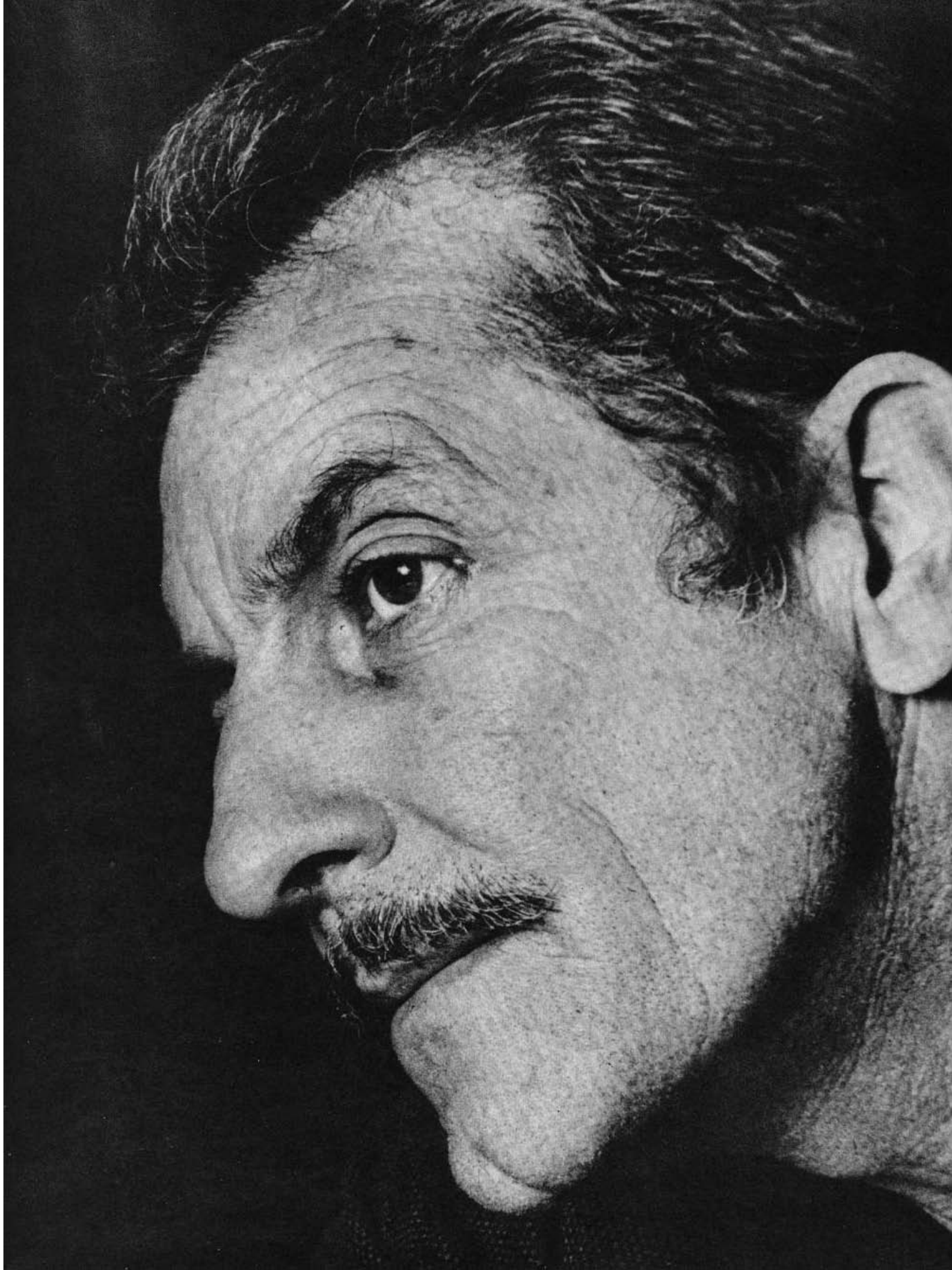
Preciso. Sabe o que quer. Quer fazer cinema. Diz que faz tudo — entrega-se inteiramente — para fazer um bom filme. Não tem preferência por gênero. Também não pretende muito. Só quer fazer filmes. O Prêmio INC 1967, para melhor diretor, pelo seu filme de estréia, *A Margem*, não o invalida a ponto do "sucesso lhe subir à cabeça". Não nega sua satisfação, sua vaidade em ter recebido tal prêmio, mas não faz muito alarde dele. Diz que gostou muito de receber o dinheiro, que o tirou de uma dificuldade do momento. Aliás, acha que dinheiro resolve os problemas de qualquer filmagem...

Seu segundo filme, um episódio de *Trilogia de Terror* (os outros são de Mojica Marins e Luiz Sérgio Person), é aclamado por alguns como "obra-prima", outros acham apenas curioso, desordenado, etc. Na verdade, o diretor contou com poucos recursos de produção e diz que não pôde terminar o filme, tendo solucionado (ou melhor, tendo que solucionar) os problemas na hora da montagem.

Seus planos são muitos. Nenhum totalmente delineado. A qualquer momento nasce, brota, cresce. Gostaria muito de ser contratado por um produtor de tino comercial para experimentar a sua capacidade de arte, numa obra com grande elenco, talvez com um pouco de superprodução.

Assim é Ozualdo R. Candeias. Um diretor de cinema. Sem pretensão, tem acumulado todas as funções, sendo, portanto, um verdadeiro autor — por contingência das necessidades materiais que ainda pautam o cinema brasileiro.

CARLOS FONSECA



Candeias

NASCEU em Cajobi, no Estado de São Paulo, em 5 de novembro de 1922. Fêz o curso primário em São Paulo, Marília e Campo Grande (Mato Grosso). O secundário ("pensei em continuar estudando mas cheguei à conclusão que não tinha vocação para nenhuma carreira tradicional"), em São Paulo, em Campo Grande, em Recife. Um itinerante, sem dúvida alguma. Morou nas seguintes cidades ou lugares até agora: Cajobi, Presidente Prudente, Olímpia, São Paulo (em 10 bairros, aproximadamente), Marília, Campo Grande, Coxim, Três Lagoas, Ponta Porã, Recife, Rio. Foi fazendeiro ("do que fiz até hoje, o que mais gostei foi da lida do campo, numa fazenda de criação"), desligou-se da fa-



mília para o serviço militar (quando chegou a ser cabo do Exército e sargento da Aeronáutica) e nunca mais morou com os seus pais. É casado e tem filhos, dos quais é grande amigo. Antes de tentar o cinema tentou um emprego público em São Paulo e foi chofer de caminhão (quando percorreu todo o Brasil) e de "praça".

Interessado por cinema fez um curso de cinema num seminário em São Paulo, curso este que durou 2 anos e meio. Começou, na prática, filmando aniversários e casamentos, reportagens, "jingles" para TV, e outras experiências em diversos setores. Preparou a produção de alguns filmes de longa metragem, foi revisor de roteiros. Em 1953 fez o

seu primeiro trabalho cinematográfico que considera de certa importância, o documentário *Polícia Feminina*, financiado pelo Governo do Estado e que lhe deu o Prêmio Municipalidade de São Paulo. Em 1963, escreveu o argumento e o roteiro e fotografou *Ensino Industrial*, também patrocinado e premiado pelo Governo do Estado de São Paulo. Finalmente, em 1967 realizou seu primeiro longa-metragem, *A Margem*, que conquistou para seu realizador o Prêmio INC 1967, de melhor diretor, tendo com este filme ganho também Prêmio Saci do Estado de São Paulo, na mesma categoria e no mesmo ano. *A Margem* ganhou outros prêmios INC 1967: melhor atriz coadjuvante para Valéria Vidal e melhor partitura musical para Luiz Chaves.

Filmografia

Documentários — 1958/59: *Polícia Feminina* * Produção, roteiro e direção de Ozualdo R. Candeias * Argumento de Sérgio Toffani * Montagem de Máximo Barro * Fotografia de Antônio Schmit e Ozualdo R. Candeias * Elenco: Irene Kramer. *Observação*: este filme foi financiado pelo Governo do Estado de São Paulo e conquistou o Prêmio Municipalidade de São Paulo. 1963 — *Ensino Industrial* * Argumento, roteiro e fotografia de Ozualdo R. Candeias * Montagem de Máximo Barro. *Observação*: este filme foi produzido pelo Governo do

Estado de São Paulo e premiado pela Municipalidade de São Paulo.

Longa-metragem — 1967 — *A Margem* * Produção de Ozualdo R. Candeias e Michel Saddi * Direção, argumento, roteiro e montagem de Ozualdo R. Candeias * Fotografia de Belarmino Mancini * Música de Luiz Chaves, executada pelo Zimbo Trio * Elenco: Mário Benvenuti, Valéria Vidal, Bentinho, Lucy Rangel, Telé, Karé, Paula Ramos, Brigitte, Ana F. Mendonça, Paulo Gaeta, Nelson Gaspari, Virgílio Sampaio, Dantas Filho, Luiz Alberto Luciano Pessoa, José Licneraki.

1968 — *Trilogia de Terror* (episódio

O Acôrdio) * Produção da Companhia Cinematográfica Franco-Brasileira, PNF — Produtora Nacional de Filmes Ltda. e Produções Cinematográficas Galasy Ltda. * Distribuição da Companhia Cinematográfica Franco-Brasileira * Argumento e Roteiro de Ozualdo R. Candeias, de uma idéia original de José Mojica Marins * Música de Rogério Duprat e Damiano Cozzella, executada por "The Bell" * Elenco: Lucy Rangel, Regina Célia, Alex Ronay, Durvalino de Souza, Luiz Umberto, Ubirajara Gama, Nadia Tell, Eucaris de Moraes (Karé), Henrique Borges, Eddio Smani, Ugar-te, Assis Dias.

Entrevista com Candeias

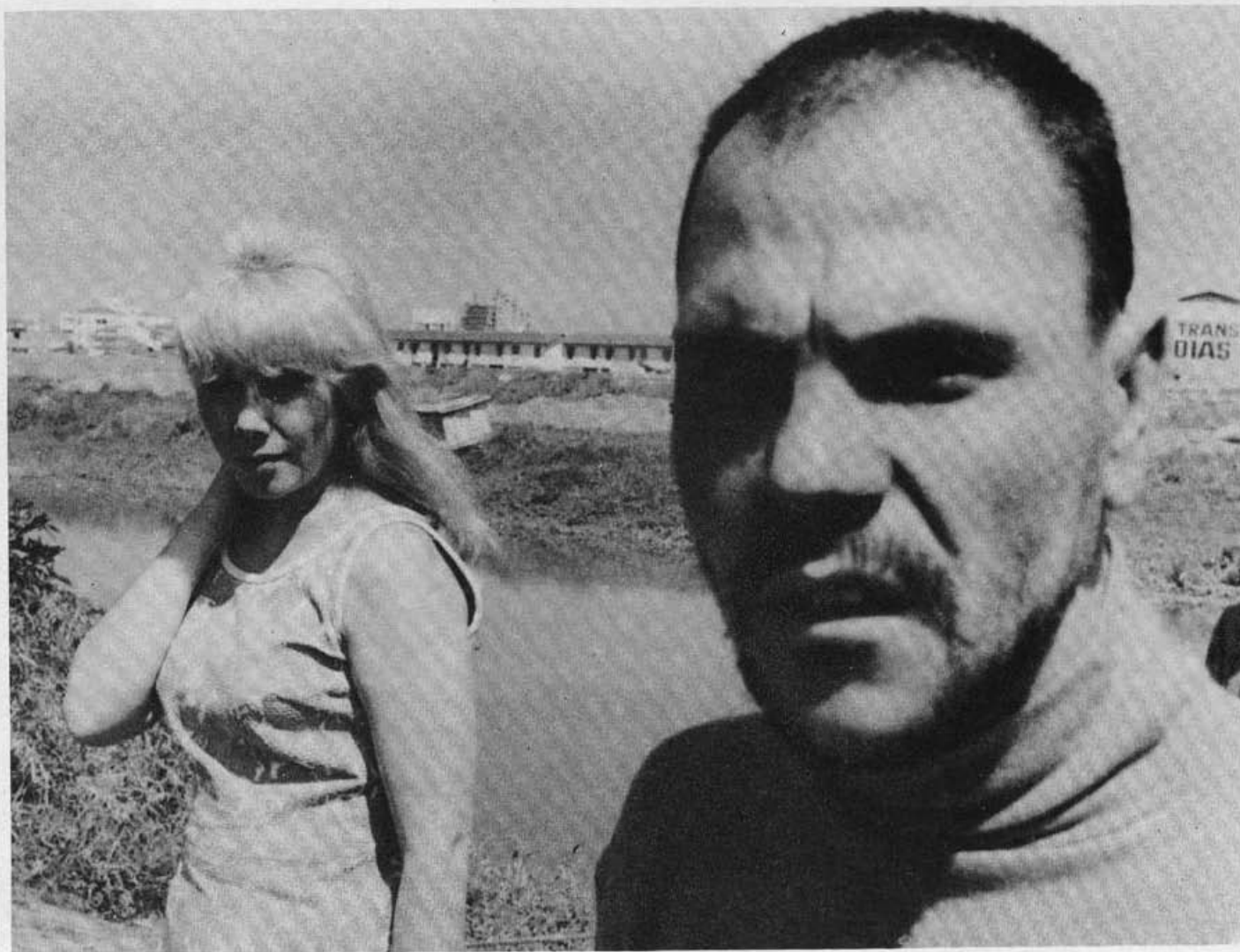
● Filme Cultura

— Em *A Margem* você transmite uma mensagem social diferente, humanista, fatalista. Estamos certos? De que maneira você quis colocar o problema da marginalização dos seus personagens? Como e por quê?

● Ozualdo Candeias

— Creio que vocês estão certos. Sou, se não me engano, daqueles que acham que o cinema é uma coisa muito séria e de custo muito alto, para que se faça dêle somente um “espetáculo”, sem outras conseqüências...

Acho que ao espetáculo se deve acrescentar uma outra qualquer dimensão, e a “dimensão”, a meu ver, é o homem. Quando se fala em homem, difícil seria não se falar dos seus problemas. Não sou contra, somente não gosto do cinema só “espetáculo”, porém considero-o necessário ao processo de desenvolvimento, industrialização e consolidação do nosso cinema. Coloquei os meus personagens num plano narrativo — quase onírico, com a intenção e a pretensão de me fazer entendido por aqueles que podem ou poderiam fazer algo para anular a sua marginalização. /SEGUE



Lucy Rangel e Bentinho em “A Margem”.



Pugarte no episódio "O Acôrd", de "Trilogia de Terror".

- FC — Um dos contrastes de *A Margem* é justamente este aspecto social e/ou existencial com a poesia, além do fatalismo que emana das situações e dos seres por você focalizados. Gostaríamos de ter o seu pensamento a respeito.
- OC — Para cada pessoa, a linguagem deve ser distinta, assim sendo, pelas razões acima, procurei uma maneira entre o real e o abstrato, para apresentar os meus personagens e contar o seu "drama", fugindo propositadamente do objetivo sem muita omissão do real.
- FC — Alguns críticos o chamam "naif" — instintivo, natural, espontâneo. Outros pensam que você é um pensador, um pesquisador. Como você se situa entre uma e outra opinião?
- OC — Não sei bem como me colocar ou me situar quanto à opinião daqueles críticos, entretanto, quero crer que *A Margem*, no que tem de certo ou errado, no seu aspecto técnico, é o resultado de um aprendizado prático e teórico.
- FC — *A Margem* é um projeto antigo?
- OC — Não sei na verdade. Antes de *A Margem* não havia nem *A Margem*, somente idéias e estas poderiam ser chamadas de "O Lobisomem", "O Circo" ou "A Margem" ou ainda qualquer coisa... Eu precisava fazer uma fita para "justificar"... Lá sei o quê. Não acreditava, como estreante, num convite para dirigir, logo tive que inventar uma fita e "inventei" *A Margem*.
- FC — O que você fez antes de *A Margem* tem alguma significação maior do que o de ter sido uma experiência prática cinematográfica?
- OC — Desde que resolvi tentar fazer cinema, o que foi acidental, ficou "estabelecido" que teria que ser como diretor. Procurei me preparar teórica e praticamente (na medida do possível) e conseqüentemente fui obrigado a me preocupar mais com o homem (sou meio Pitagórico) e o seu comportamento, no tempo e no espaço. Tudo isso muito me valeu para a realização de *A Margem*.
- FC — Qual (ou quais) os filmes que você desejaria realmente fazer?
- OC — Nunca me ocorreu fazer determinada fita e continua não me ocorrendo. O que eu queria e continuo querendo é fazer filmes. Porque o "bolado" ontem, hoje está superado, o proposto hoje, amanhã o estará... Logo, a coisa terá que acontecer de surpresa. Nunca "dei" sorte com a coisa pensada ou prevista.
- FC — Quais os maiores problemas na realização de um filme?
- OC — Creio que é conseguir o dinheiro... Com ele todos os outros problemas deixam de ser problemas. Já contamos com material e pessoal (e talentos), para fazermos cinema. Ainda está faltando, ao que parece, uma proteção mais ampla, de maneira a garantir o mercado para as nossas fitas. Creio, também, que dentro em pouco isso será conseguido.
- FC — O que você pode nos dizer sobre o ator no cinema? Em especial sobre "os seus atores", que para nós não parecem atores, parecem "gente".
- OC — O ator no cinema é tão importante para o resultado final de uma obra, quanto o movimento de câmera, tom de fotografia, composição de cada tomada e a sua relação com o anterior e posterior, ligação de tomadas, etc., etc., etc... Numa fita "errada" é difícil se encontrar um ator "correto", isto é, "bem" ou "bom". Se não me engano a importância do ator é mais importante com relação à volta (se possível, com lucros) do dinheiro empregado, no caso do nosso cinema e em se tratando do cinema lá de fora, a coisa é evidente e nisso não há nem mal, nem bem.
- FC — Você se considera satisfeito com o seu episódio em *Trilogia de Terror*?
- OC — Sempre fico satisfeito depois de ter feito alguma coisa. Sem querer justificar, mas sim explicar, creio que eu poderia ter conseguido pelo menos completar a "idéia" em torno da qual se apoiava o meu argumento — *O Acôrdio* — o que não me foi possível por acidentes e incidentes da produção.
- FC — Como você o interpreta? Como você o coloca dentro do espírito geral do gênero "terror"? A pergunta vem do fato de não considerarmos o referido episódio dentro do gênero.
- OC — Vocês estão certos. O que proponho no meu episódio da *Trilogia*... não é absolutamente terror, é a vontade e a obrigação de me sintonizar com a idéia original de Mojica e dos produtores. Sendo assim, tentei contar uma história pouco "clara" e um pouco ou mais ou menos estranha, para tentar também ir ao encontro das preferências do grande público.
- FC — Você foi premiado pelo INC, como o melhor diretor de 1967. Gostaríamos de ter sua opinião, nos dizendo o que sentiu quando soube ter sido escolhido o melhor, logo com o seu primeiro filme.
- OC — Na realidade não fazia parte das minhas pretensões ganhar o Prêmio INC — melhor diretor de 67. Admitia que alguém de *A Margem* pudesse ganhar. A importância do prêmio me pareceu tão grande que anulou a emoção da surpresa... Fiquei muito satisfeito, o que não seria novidade, qualquer um ficaria, pois esse prêmio já faz parte das pretensões de "um bocado" de "gente boa"

Candeias

FC — A *Margem* foi selecionado pelo INC para o Festival de Karlovy Vary; você poderia expressar o seu pensamento sobre a participação de filmes brasileiros nos festivais internacionais? E, aproveitando “a deixa”, nos dizer o que você acha das possibilidades do filme brasileiro no exterior?

OC — A seleção de *A Margem* para o Festival de Karlovy Vary foi quase tão importante quanto o prêmio de direção, o que, na realidade, para mim, não deixa de ser outro prêmio, considerando que, ao “bolar” *A Margem*, propus aos técnicos e atores que, no máximo, garantiam o autopagamento da fita e, no mínimo, a sua não conclusão por falta de meios, pessoal e material. A participação de filmes brasileiros em festivais internacionais, creio, além de ser uma necessidade, é também uma obrigação, basta atinarmos com os benefícios (desta ou daquela ordem) que nos poderão ser proporcionados. Não sei se vou parecer ingênuo ou otimista, mas acho que o cinema brasileiro é tão bom quanto qualquer outro, logo, acredito nas possibilidades competitivas nos festivais internacionais.

FC — Quais são as suas preferências no cinema internacional?

OC — Não tenho preferência por cinema de país algum... Gosto simplesmente deste ou daquele filme, não importando a nacionalidade no meu julgamento.

FC — E no cinema brasileiro? Você acha que recebeu influên-



Durante a filmagem do episódio “O Acôrdio” (de “Trilogia de Terror”): Ozualdo R. Candeias e Regina Célia.

cia de algum diretor, de algum estilo, de alguma escola, de algum movimento?

OC — Tenho a impressão que não, pelo menos consciente ou diretamente, o que pode ser extensivo a cinema ou diretores não-brasileiros. Procurei aprender o máximo de cinema com todos aqueles (vivos e desaparecidos) que se preocuparam em legar os seus conhecimentos àqueles que os reclamassem. Sempre me preocupei em aprender o que havia de básico, para tentar depois a "combinação".

FC — Ao realizar um filme você é apenas o diretor que se preocupa somente com a sua parte ou você participa ativamente dos outros setores da produção? Sentimos que você "se mete" em tudo... Tem procedência a nossa impressão?

OC — Acho que ao diretor deve ser facultado "se meter ou não" em quase tudo, porque dêle vai depender o sucesso ou insucesso da fita. Eu, particularmente, acompanho as minhas fitas (longa, curta ou curtíssima metragem) até à saída da cópia e, só não procedo assim, quando há razões que contrariem as minhas razões. Não creio que haja diretor que não tenha idéia da "luz" que quer; do ritmo da fita; da qualidade e aplicação do som, da correção da câmera e seus movimentos, etc., etc.... Tendo êle a "idéia", terá forçosamente que chegar a um acôrdo com os "donos" daquelas especialidades.

FC — Você faria uma comédia?

OC — Creio que sim, mas poucas vezes penso em cinema em termos de comédia.

FC — Você se expressou uma vez "na montagem dá certo"... O que você quer dizer com isso?

OC — É que na montagem podemos "modificar", segundo as nossas conveniências no "espaço-tempo". Podemos ainda tornar o certo em errado, o real em irreal, etc., etc.

FC — Qual a sua opinião sobre o cinema brasileiro: como indústria, como arte, como expressão social?

OC — Ter expressão social deve ser a missão de todo o cinema, inclusive o nosso. Seria difícil e desaconselhável uma "indústria" sem "arte" e "expressão social" — e suas combinações — porque então o cinema se diminui. No nosso cinema há diretores e produtores que bem representam e defendem cada uma ou todas em conjunto daquela trilogia.



Lucy Rangel, Mario Benvenuti, Valéria Vidal e Bentinho, em "A Margem"